

# UNIS Criança: inclusão digital através de *softwares* com escrita dos sinais

Adriana da Silva Thoma<sup>2</sup>  
Pedro Willibaldo Schuck<sup>3</sup>  
Cristiane Ramos Müller<sup>4</sup>  
Lisnara Pra Zandonato<sup>5</sup>

Temos presenciado, nos últimos anos, uma crescente demanda em torno de uma pedagogia da diferença surda, mobilizada por lutas do movimento surdo, que vem fazendo uma caminhada no sentido de inscrever seus anseios e suas especificidades no quadro das políticas sociais e educacionais.

No Brasil, no ano de 1999, antecedendo o *V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos*<sup>6</sup>, líderes da comunidade surda de diferentes Estados brasileiros e de outros países participaram do que foi denominado *pré-congresso*, momento em que discutiram aspectos relevantes sobre a sua educação. Nesse pré-congresso os surdos construíram o documento *A educação que nós surdos queremos*, no qual apresentavam várias questões sobre educação bilíngue, direito a uma educação de qualidade e à formação profissional, sobre o direito a intérpretes etc.

Vários foram os desdobramentos desse evento, que veio a culminar, no ano de 2001, com a realização do *I Seminário Nacional – Surdos: um olhar sobre as práticas em Educação*<sup>7</sup> - na cidade de Caxias do Sul, contando com a participação de professores, educadores, instrutores surdos. Nesse evento, foram aprofundadas temáticas

2 Graduada e Especialista em Educação Especial – Educação de Surdos pela UFSM. Mestre e Doutora em Educação pela UFRGS. Pesquisadora do GIPES (Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos). Professora do Departamento de Estudos Especializados e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (DEE e PPGEDU/FACED) da UFRGS. Desenvolve pesquisas no campo dos Estudos Surdos e Estudos Culturais em Educação, principalmente nos seguintes temas: educação de surdos, avaliação, diferença e educação inclusiva. Coordenadora da Pesquisa.

3 Professor do Departamento de Matemática da UNISC. Vice-Coordenador da Pesquisa *SIGNWRITING: a inclusão digital através da escrita dos sinais*.

4 Graduada em Pedagogia. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria. Professora de LIBRAS na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e na Universidade de Caxias do Sul (UCS).

5 Acadêmica do Curso de Letras LIBRAS – Polo UFRGS. Ex-bolsista da pesquisa.

6 O *V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos* aconteceu entre os dias 21 e 24 de abril de 1999, em Porto Alegre-RS, na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), tendo como organizadores integrantes do Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais para Surdos (NUPPES), do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS e da FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos).

Esse Congresso tornou-se referência nas discussões acerca da educação de Surdos na América Latina. Nele estiveram presentes cerca de 1.500 pessoas, entre educadores, profissionais na área da surdez e vários integrantes da comunidade surda latino-americana. Além desses, participaram pesquisadores surdos e ouvintes de outros países, como Estados Unidos, Inglaterra, Espanha e Portugal.

7 O *I Seminário Nacional – Surdos: um olhar sobre as práticas em Educação* aconteceu entre os dias 27 e 29 de setembro de 2001, na cidade de Caxias do Sul (RS). O evento foi promovido pela FENEIS, escritório regional do Rio Grande do Sul.

referentes à educação dos surdos, incluindo aí a emergência de investigações e divulgação da escrita da língua de sinais.

Atualmente, vários países já reconheceram e oficializaram o uso das línguas de sinais na educação dos surdos. No Brasil, o Senado reconheceu, em 03 de abril de 2002, a língua brasileira de sinais (LIBRAS) como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira<sup>8</sup>, entendendo que esta língua, por sua natureza visual-gestual, é capaz de transmitir ideias e fatos, sendo amplamente utilizada por pessoas surdas desde muitos anos. No Estado do Rio Grande do Sul, a LIBRAS foi oficializada pela Lei n.º 11.405, de 31 de dezembro de 1999, e publicada no Diário Oficial do Estado do dia 03 de janeiro de 2000.

Em abril de 2005, foi regulamentada, através do Decreto n.º 5.626, a lei que oficializou a LIBRAS<sup>9</sup> no Brasil. Com essa regulamentação, foram criadas as profissões de professor surdo e intérprete de LIBRAS. Prevê-se que até 2015 todas as licenciaturas do país tenham inserido a LIBRAS como disciplina obrigatória nos currículos de formação docente, o que nos coloca a necessidade de investigações que tenham como preocupação analisar e subsidiar as práticas educacionais para surdos.

Com o elenco de legislações apresentadas podemos constatar que o reconhecimento legal da língua de sinais em nosso país existe. Porém isso não é garantia para termos uma sociedade bilíngue, em que os surdos tenham o direito de aprender a língua de sinais e a escrita da língua oficial do país em que vivem e na qual nós, ouvintes, possamos nos comunicar, tanto de forma oral e escrita com outros ouvintes quanto em sinais com os surdos.

A escrita de sinais (*signwriting*) é a possibilidade de registro gráfico da língua de sinais. Constitui-se em uma materialidade da cultura visual dos surdos, produzida por sujeitos que lutam por reconhecimento político, social e cultural. O movimento educacional desencadeado pelos surdos aponta para uma pedagogia da diferença que leve em conta seus aspectos linguísticos, culturais e identitários. Esta pedagogia da diferença que almejam deve ser pautada em uma política pedagógica e curricular da identidade e da diferença, sendo uma pedagogia que questiona, reconhece e celebra a identidade e a diferença surda e sua produção cultural.

Nesse cenário, em nossa perspectiva, investigar a escrita da língua de sinais através das novas tecnologias, com o objetivo de oferecer aos surdos instrumentos

---

8 De autoria da ex-senadora Benedita da Silva e aprovado na forma de substitutivo oriundo da Câmara, o projeto estabelece que o poder público e as empresas concessionárias de serviços públicos devem garantir formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da língua brasileira de sinais como meio de comunicação objetiva. Foi também decidido que o sistema educacional deve garantir a inclusão do ensino da língua brasileira de sinais, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais, nos cursos de formação de educação especial, de fonoaudiologia e de magistério.

9 Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002. O Ministério da Educação (MEC) tem feito esforços crescentes para valorizar a LIBRAS e para garantir o seu ensino ao professorado, em observância estrita à Lei federal n.º 10.172, que determina o ensino de LIBRAS aos surdos e familiares, e à Lei federal n.º 10.436, que determina que os sistemas educacionais federal, estaduais e municipais incluam o ensino da LIBRAS como parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais nos cursos de formação em educação especial, fonoaudiologia e magistério nos níveis médio e superior.

para a construção do conhecimento e verificar como ocorre a aprendizagem através de *softwares* educacionais, pode ser uma tarefa produtiva para que melhores índices de escolaridade sejam alcançados pela comunidade surda brasileira.

## A escrita de sinais na educação dos surdos

As investigações sobre as línguas de sinais, apesar de já terem se iniciado há várias décadas, somente nos últimos anos começam a se ocupar de seu registro escrito. Por serem ainda incipientes, as investigações sobre *Signwriting* requerem mais informações. O que sabemos, entretanto, é que seu aspecto visual tem possibilitado que os surdos registrem sua língua de forma escrita, vislumbrando perpetuá-la através de gerações. Este é, entre outros, um dos aspectos culturais e de reconhecimento político da surdez como diferença, pelo qual as comunidades surdas têm lutado nos últimos anos.

Marianne Rossi Stumpf<sup>10</sup> tem escrito vários artigos sobre a escrita da língua de sinais (*Signwriting*). Em um deles, ela defende:

*Nós, surdos, precisamos de uma escrita que represente os sinais visuais-espaciais com os quais nos comunicamos, não podemos aprender bem uma escrita que reproduz os sons que não conseguimos ouvir. A escrita de sinais está para nós, surdos, como uma habilidade que pode dar muito poder de construção e desenvolvimento de nossa cultura. Pode nos permitir, também, muitas escolhas e participação no mundo civilizado do qual também somos herdeiros, mas do qual até agora temos ficado à margem, sem poder nos apropriar dessa representação. Durante todos os séculos da civilização ocidental, uma escrita própria fez falta para os surdos, sempre dependentes de escrever e ler em outra língua, que não podem compreender bem, vivendo com isso uma grande limitação. (STUMPF, 2002, p. 63)*

Os primeiros estudos sobre a escrita das línguas de sinais aconteceram em 1974, na França, quando Valerie Sutton, coreógrafa, acreditou ser possível adaptar o registro gráfico da linguagem corporal da dança para uma grafia para a língua de sinais dos surdos. No Brasil, a escrita dos sinais começou a ser investigada em 1996, na Universidade Católica de Pelotas (UCPel), com bolsistas surdos, instrutores da língua de sinais, sob a orientação do professor Antônio Campos Rocha Costa. Em 1991, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) também passou a investir em pesquisas sobre o tema, tendo oferecido cursos de escrita de sinais para surdos e ouvintes que atuam na educação de surdos.

---

10 Pesquisadora surda, Doutora em Informática na Educação, pela UFRGS. Coordenadora do curso de Letras LIBRAS da UFSC. Marianne Stumpf tem investigado o processo de ensino-aprendizagem da escrita dos sinais por alunos surdos e obtido resultados muito interessantes, os quais se encontram publicados, entre outros, no livro *A invenção da surdez: cultura, identidades, diferença e alteridade no campo da educação* (THOMA; LOPES, 2004).

Em fevereiro de 2004, apresentamos a proposta de pesquisa sobre escrita de sinais da UNISC à FAPERGS (Fundação de Amparo à pesquisa no Rio Grande do Sul), tendo obtido uma bolsa de iniciação científica para desenvolver o projeto<sup>11</sup>.

A investigação teve início em março de 2004, em uma escola pública estadual do município de Santa Cruz do Sul, com uma turma de surdos da quarta série do ensino fundamental. Em 2005, trabalhamos com uma turma da segunda série. Em 2006 e 2007, com turmas de educação infantil e da primeira à quarta série. Nosso objetivo, nessa investigação, foi analisar como se processa a construção do conhecimento de sujeitos surdos através do uso de tecnologias disponíveis para o *Signwriting* (escrita de sinais) em ambientes virtuais. A pesquisa teve caráter qualitativo-participativo, e os dados foram produzidos através de observações das atividades que aconteceram em encontros semanais.

Em um primeiro momento, desenvolveram-se com os alunos conteúdos que versam sobre a história do sistema de escrita de língua de sinais, os códigos básicos das mãos, comparação entre os sistemas da escrita das línguas orais e das línguas de sinais, experiências de escrita de sinais manuscrita, lições na escrita de língua de sinais, exercícios de leitura e escrita de configurações de mão básicas, alfabeto manual e números, noções gerais sobre movimento e expressões faciais, e produção de textos e histórias cooperativas. Posteriormente, após conhecerem a escrita dos sinais, os alunos surdos, sob a coordenação das bolsistas, realizaram troca de mensagens com amigos surdos virtuais, explorando recursos *off-line*, em particular o correio eletrônico, como recursos de ensino e aprendizagem. Além da troca de mensagens, os alunos exploraram ambientes gráficos de navegação e realizaram atividades colaborativo-cooperativas em ambientes virtuais com o uso da escrita de sinais.

### Desenvolvimento do projeto, resultados alcançados e conclusões

A escrita dos sinais (*Signwriting*) necessita ainda, como já dissemos, de mais pesquisas para que se possa identificar sua produtividade na aprendizagem dos surdos. Ela se constitui, para além de uma forma de letramento e mediadora da construção do conhecimento para os surdos, em uma produção cultural que visa poder registrar, para as gerações futuras, os conhecimentos produzidos e acumulados por integrantes da comunidade surda, podendo ser entendida, assim, como um artefato da cultura surda.

Ao longo de 2004, trabalhando com jovens surdos entre 13 e 19 anos, alunos da quarta série do ensino fundamental em uma escola de ouvintes com turmas *especiais* para surdos, pudemos perceber que há interesse, por parte destes, em conhecer mais sobre essa escrita. Os alunos que integraram o projeto tiveram, desde o início da sua escolarização, professores ouvintes, e a língua predominante nessa educação foi a língua portuguesa, nas modalidades oral e escrita. A língua de sinais, embora presente

---

11 A pesquisa teve como bolsistas Cristiane Ramos Müller (2004-2006) e Lisnara Prá Zandonato (2007), ambas surdas e, na época, acadêmicas do curso de pedagogia – anos iniciais da UNISC.

na escola, era recente e, na maioria das vezes, trabalhada de forma artificial, através de modelos estereotipados de professores ouvintes.

Através do projeto, os alunos tiveram contato com uma professora bolsista surda, Cristiane, e, conseqüentemente, o ambiente linguístico passou a privilegiar a língua de sinais. As relações entre professora e alunos, assim, começaram a mudar, porém as marcas do *ouvintismo*<sup>12</sup> curricular eram ainda muito fortes, resultado de um longo período em que as marcas da normalidade foram sendo cristalizadas, produzindo subjetividades surdas a partir do discurso que defende a cura da surdez através das terapias da fala.

Vários desses alunos foram produzidos pelo discurso da surdez como falta, como incapacidade, constituídos por um discurso clínico-terapêutico que hoje se distancia dos interesses políticos, comunitários e culturais dos surdos engajados em uma política de representação que os narra como minorias linguísticas, não como deficientes. Assim, esses alunos experimentavam um processo de reconfigurações identitárias, que se processavam no encontro com uma professora surda como eles.

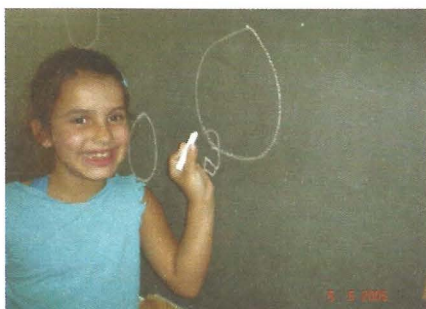
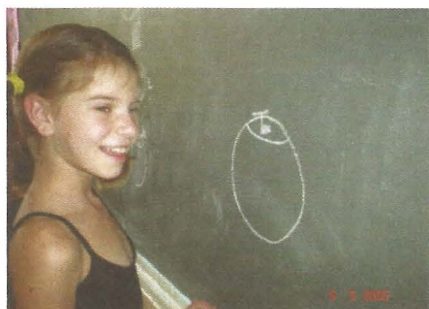
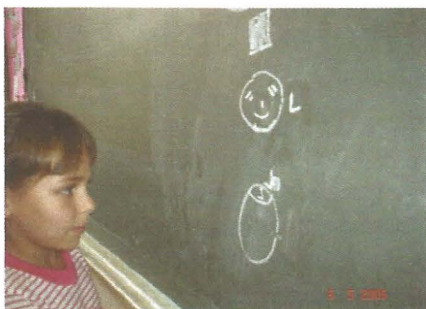


*Turma de alunos surdos da quarta série do ensino fundamental da Escola Gaspar Bartolomay, de Santa Cruz do Sul, durante as atividades desenvolvidas pelo projeto em 2004.*

Os alunos demonstraram bastante interesse em aprender *Signwriting* durante os encontros, mas em alguns momentos achavam difícil e preferiam fazer uso da língua portuguesa para escrever. Experiências de outros pesquisadores e pesquisadoras, entre as quais Stumpf (2002), têm demonstrado resultados mais satisfatórios com grupo de crianças pequenas, em fase inicial de alfabetização, o que nos levou a desenvolver o

12 *Ouvintismo* é um termo cunhado por Skliar e Perlin (1999) para se referirem à colonização dos surdos pelas práticas educacionais dos ouvintes.

projeto, em 2005, com outro grupo de crianças surdas da mesma escola, da segunda série, com idades aproximadas de sete anos. Essas alunas estiveram em contato com a língua de sinais desde que ingressaram na escola, e sua educação escolar acontecia em um processo bilíngue, através da língua de sinais como primeira língua e da língua portuguesa escrita como segunda.

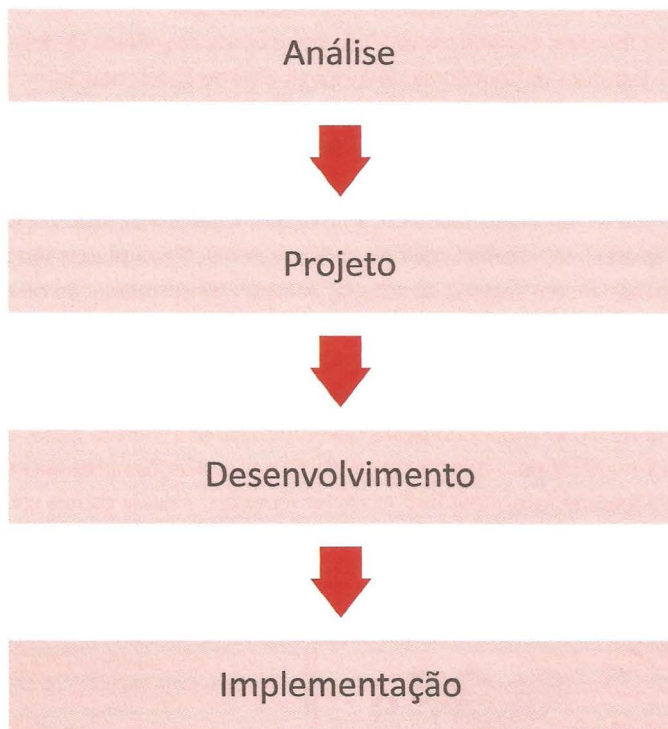


*Turma de alunas surdas da segunda série do ensino fundamental da Escola Gaspar Bartolomay, de Santa Cruz do Sul, durante as atividades desenvolvidas pelo projeto em 2005.*

Em 2007, o projeto foi desenvolvido também com crianças surdas da educação infantil e dos anos iniciais. Nesse período, a bolsista Lisnara trabalhou com a escrita de sinais no papel e no computador, utilizando com as crianças maiores um *software* com atividades que compreendiam operações matemáticas. O *software*, intitulado *Tabuada em Signwriting*, foi produzido em parceria com o professor Pedro Willibaldo

Schuck, pois entendemos que através dos *softwares* os alunos podem compreender melhor os assuntos trabalhados, e não simplesmente decorar, pois esse material permite ao estudante interagir com o objeto de estudo.

Os *softwares* são desenvolvidos através das seguintes fases:



A primeira fase, a de *análise*, envolve o estudo inicial das necessidades, prioridades, recursos necessários e disponíveis, fatores que vão facilitar ou dificultar a execução deste projeto.

Na segunda fase, a *fase de projeto*, elabora-se o plano estratégico, que define e justifica os seguintes aspectos do produto que se deseja desenvolver:

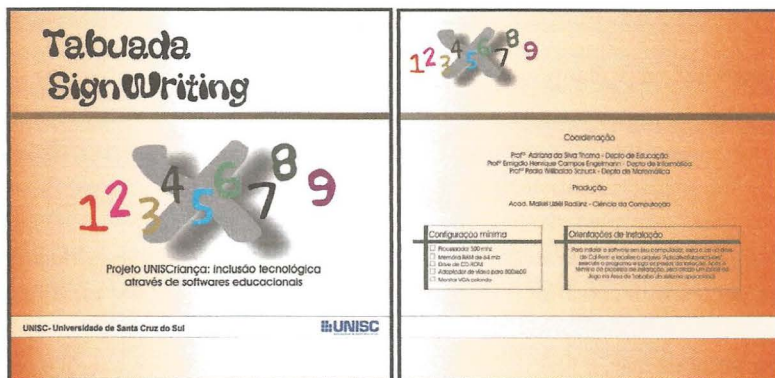
- *Propósito*: define-se se os *softwares* a serem desenvolvidos são motivacionais, de entretenimento, de informação, de instrução ou uma combinação de todos ou alguns destes tipos;
- *Objetivos*: define-se se os objetivos do projeto são específicos ou gerais, ou seja, se o objetivo é apresentar o assunto, levar o público à compreensão do assunto, fazer com que o público aplique o conhecimento;
- *Público*: define-se se o projeto atenderá uma população específica ou várias com características diferentes;
- *Mensagens*: definem-se os textos, gráficos, cores, movimentos, tons e expressões a serem utilizados;

- **Modalidade:** escolhem-se as formas em que o projeto será desenvolvido, utilizando-se de sistema de autoria, *software* de apresentação, linguagem de programação.

Na terceira fase, a de *desenvolvimento*, elaboram-se os planos detalhados da criação dos *softwares* educacionais, especificando-se:

- Objetivos específicos de cada parte ou da sequência de telas;
- Estrutura da sequência de todos os elos de apresentação;
- Conteúdo específico de cada tela, escolha de gráficos, vídeos existentes, etc.;
- Textos e ilustrações a serem incluídos em cada tela;
- *Layout* e estética de cada tela;
- Efeitos especiais (sonoros, animações, inserção de vídeos existentes, etc.).

Na quarta fase, chamada de *fase de implementação*, os planos são concretizados através do uso de um sistema de autoria, *software* de apresentação ou de linguagens de programação. É necessário dominar o uso destas ferramentas. É também necessário ter criatividade artística na realização do *layout* das telas, das sequências animadas, na edição de vídeos, distribuição de textos e *links*, confecção de ilustrações e esquemas gráficos. O propósito desta fase é utilizar os recursos técnicos disponíveis da melhor maneira para criar o conjunto de comunicações proposto nos planos da segunda e terceira fase.



Na fase de levantamento de dados para a proposta do *software*, fizemos o estudo inicial das necessidades, prioridades, recursos necessários e disponíveis, fatores que poderiam facilitar ou dificultar a execução do projeto. Foram levantados diversos tipos de dados referentes à escrita de sinais, como: imagens, símbolos, vídeos e artigos, formando um banco de informações que, no decorrer do projeto, foram de grande utilidade para a continuidade das etapas posteriores.

A fase de programação (desenvolvimento) foi destinada à elaboração dos planos detalhados para criação do *software*. Nesta fase foram projetados três jogos (situações) para compor o *software*:

- *A operação de troco numa bilheteria de cinema.* Nesta situação pretende-se que o usuário exercite a devolução de dinheiro num nível considerado inicial, visto

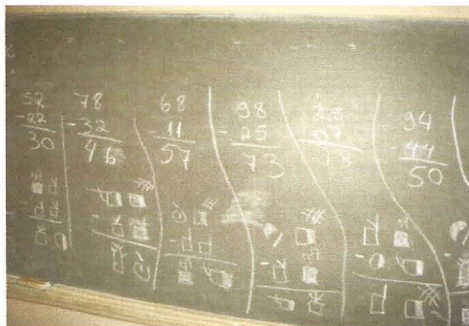


que as quantias envolvidas são menores. Destaca-se o fato de que a fração de dinheiro envolvida é de R\$ 0,50.

- *A operação de troco numa fruteira.* Neste nível o *software* gera uma situação de compra cujos valores não ultrapassam R\$100,00. Pretende-se que nesta fase sejam gerados valores que apresentam frações com múltiplos de R\$ 0,01. O aplicativo apresenta uma interface bem intuitiva, lembrando o ambiente de uma feira: uma sequência de balcões, onde as frutas e verduras a serem adquiridas estão em exposição.
- *A operação de troco numa loja.* O propósito agora é trabalhar com valores maiores e também com centésimos de unidades monetárias. Pretende-se abordar também a utilização de cheques.

Na *fase de implementação*, os planos foram concretizados através do uso de linguagens de programação. Nesta fase, foi indispensável o domínio do uso destas ferramentas, bem como o uso de criatividade artística na realização do *layout* das telas, das sequências animadas, na edição de vídeos, distribuição de textos e *links*, confecção de ilustrações e de esquemas gráficos. O propósito desta etapa foi utilizar os recursos técnicos disponíveis da melhor maneira possível para criar o conjunto de comunicações proposto nos planos da segunda e terceira fase.

Anteriormente a essa fase, a bolsista Lisnara desenvolveu atividades matemáticas em escrita de sinais na sala de aula e outras atividades com os alunos, ilustradas abaixo:



Construção de amarelinha em escrita de sinais:



Exercício de expressão artística com a escrita de sinais:



No relatório final da bolsa, Lisnara escreve que percebeu a importância de os alunos terem contato com uma professora surda e que os professores da escola precisam de formação para ensinar melhor através da língua de sinais. Segundo ela:

*Quando eu ensinava os surdos tudo ficava mais claro e eles aprendiam mais. Percebi ainda que preciso conhecer a escrita de sinais, mais profundamente para ensinar melhor os surdos. Nas 20 horas como bolsista trabalhei com alunos da Educação Infantil até a quarta série; foi bastante trabalho. Percebi que os alunos da Educação Infantil até a segunda série ainda não tiveram nenhum contato com a escrita de sinais. Por isso, sugiro que o trabalho em escrita de sinais seja desenvolvido com alunos da terceira à oitava série. (ZANDONATO, 2008)*

Em Santa Cruz do Sul, os surdos estudavam da educação infantil até à oitava série em uma escola de ouvintes e, para cursar o ensino médio, precisavam ser transferidos para outra escola. Os poucos surdos que concluíram um curso superior na cidade estudaram em escolas de surdos de outros municípios (Porto Alegre e Caxias do Sul).

Em 2009, a 6.<sup>a</sup> Coordenadoria Regional de Educação (CRE), pertencente à Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul, transferiu os surdos para uma terceira escola, considerada escola “modelo” de inclusão, que atende a diferentes perfis de alunos. Os surdos estão em turmas específicas desde a educação infantil até o final do ensino fundamental; no ensino médio passam a estudar em turmas

comuns, junto com ouvintes, com a presença de intérpretes. Em 2008 Lisnara começou a trabalhar na escola onde fizemos o projeto, através de contrato emergencial, com vinte horas semanais. Nesse mesmo ano, ela ingressou no Curso de Letras LIBRAS – polo UFRGS -, fazendo o trancamento do curso de pedagogia que estava cursando na UNISC. Na universidade, Lisnara é funcionária desde março de 2008.

Em março de 2010, Lisnara foi transferida para a nova escola, ampliando a carga horária para trinta horas semanais. Nesse ano, voltou a realizar as atividades de escrita de sinais com os surdos, utilizando um *software* com jogos matemáticos que desenvolvemos em 2007, o qual teve alterações na escrita de sinais. Para essa nova versão, contamos com a colaboração dos professores surdos Nelson Goettert<sup>13</sup> e Erika Vanessa de Lima Silva<sup>14</sup>.

Em 2010, Lisnara trabalhou com cinco alunos surdos da 4.<sup>a</sup> série, sendo três meninos - D. (11 anos), R. (10 anos) e Ra. (13 anos) - e duas meninas: B. (10 anos) e K. (10 anos). As atividades foram realizadas na sala de informática, onde Lisnara explicou a tabuada matemática em escrita de sinais e instalou o *software* nos computadores para os alunos jogarem em duplas ou trios.

Os alunos se mostraram felizes, manifestando curiosidade e vontade de jogar outras vezes. Nos relatórios de Lisnara, ela escreve:

*No jogo aparece dois carros correndo e as duas meninas estão disputando por causa querem ganhar nas respostas da tabuada. Uma menina ganhou matemática todos acertos, 18 acertos e outra menina teve 16 acertos. Dois meninos estão correndo continuar o jogo e outro menino está comigo, faz tabuada no jogo ele tem dificuldade para responder e esta difícil aprender matemática e também outras disciplinas, mas ele está tentando responder certo. Os alunos querem continuar, mas já terminou o tempo. [...] um menino fez diferente, contando nas mãos a tabuada, e todos precisaram usar as mãos. Somente uma menina não precisou contar nas mãos, mas ela já sabe, responde muito rápido, e outro aluno me perguntou por que a escola não usa mais signwriting e eu respondo que não tem professor surdo. Esperamos que tenha em 2011, pois os alunos tem muito interesse em aprender SW e usar software de matemática. [...] no final dos encontros os alunos ficam tristes porque não terão mais aula com professora surda. Também os alunos surdos da 3.<sup>a</sup> série, que observaram as atividades, sinalizam que eles querem participar também e eu respondo que vou fazer a pesquisa com eles em 2011. Eles ficam ansiosos. Cada aluno da quarta série ganhou uma cópia do software para levar para casa. (ZANDONATO, 2010).*

13 Licenciado em Computação pela UNISC; acadêmico do Curso de Letras LIBRAS – Polo UFSM (turma 2006).

14 Formada em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Acadêmica do Curso de Letras LIBRAS – Polo UFSM (turma 2006). Professora substituta de LIBRAS da UFRGS.

Lisnara e os alunos surdos que utilizaram a nova versão do software em 2010:



### Reflexões Finais

A escrita dos sinais, assim como a língua de sinais, é uma produção cultural e identitária dos surdos. O registro gráfico da língua de sinais oferece aos surdos uma rica possibilidade de construir significados positivos sobre a escrita. Quem sabe desconstrua-se os medos, as incertezas, as angústias, os temores dos surdos frente à escrita da língua do seu país, tradicionalmente vista como a única forma de registro possível. Assim trabalhada, a língua portuguesa e sua grafia sonora gerou muitos fracassos na educação de surdos. Em nosso entendimento, a escrita de sinais, seu desenvolvimento e produção podem deixar uma herança cultural às crianças surdas, herdeiras de uma cultura e de uma língua rica e comunicativa.

É importante ressaltar, entretanto, que a escrita dos sinais não pretende substituir a escrita da língua oficial dos países onde está sendo desenvolvida e divulgada entre os surdos. Reiteramos: trata-se de uma produção cultural que, segundo as investigações têm comprovado, promove a linguagem, o pensamento e a aprendizagem dos surdos. Além disso – e igualmente ou mais importante –, do ponto de vista político, a escrita dos sinais poderá registrar uma história feita pelos surdos, diferente daquela que vem sendo narrada a partir do ponto de vista dos que ouvem.

Acreditamos na relevância da investigação por se tratar de um tema que, embora novo e atual, é ainda incipiente e requer mais informações. A inclusão digital para os surdos é igualmente importante para que tenham acesso às notícias, conheçam as associações de surdos, jornais e revistas que tratam das questões de sua comunidade e sobre o mundo, e assim possam interagir na sociedade em que vivem.

Para aqueles e aquelas que acreditam ser essa mais uma forma de exclusão inventada pelos surdos e vista como mais um separatismo em tempos de inclusão,

defendemos que a diferença passa pelo reconhecimento das manifestações culturais de cada grupo.

Reconhecemos a pluralidade das existências surdas. De modo algum supomos a existência de uma essência capaz de explicar a todos os surdos, de forma fácil e possível de ser capturada, o que significa compreender também que a aproximação de cada sujeito surdo, bem como o resultado da experiência da escrita e leitura em sinais em sua aprendizagem, dependerá dos sentidos que forem atribuídos a essa escrita; sentidos esses que serão também plurais, pois resultarão das interpelações que sofrer cada um, de como essa escrita entrará em conexão com as subjetividades que ali já estavam.

Pesquisando os conhecimentos já existentes sobre o papel da escrita dos sinais na escolarização das crianças surdas e propondo outros, objetivamos contribuir para o cenário educacional vislumbrado pelos próprios sujeitos surdos. Se forem produzidos conhecimentos culturalmente positivos sobre a escrita de sinais, a diferença surda terá visibilidade neste mundo contemporâneo, onde se levantam muitas bandeiras em torno da diferença, mas no qual muitas culturas ainda seguem sendo negadas e silenciadas.

### Referências bibliográficas

STUMPF, Marianne Rossi. Aquisição da escrita de língua de sinais. In LAMPRECHT (Org.). *Letras de Hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 373-381.

\_\_\_\_\_. *Manual de SignWriting*. Pelotas: EDUCAT – Editora da Universidade Católica de Pelotas.

\_\_\_\_\_. Sistema *Signwriting*: por uma escrita funcional para o surdo. In: THOMA, A. S.; LOPES, M. C. (Orgs.). *A INVENÇÃO DA SURDEZ*: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

SUTTON, Valerie. *SIGN WRITING SITE*. 1997. Disponível em: <http://www.signwriting.org>.

\_\_\_\_\_. *SIGNWRITING®*: manual. Disponível em: <http://www.signwriting.org>.